

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**JULIANA PARREIRA LERIANO**

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CRICIÚMA, JULHO DE 2011**

**JULIANA PARREIRA LERIANO**

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> M.Sc. Maria Valkiria Zanette

**CRICIUMA, JULHO DE 2011**

**JULIANA PARREIRA LERIANO**

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Teoria e Prática Pedagógica.

Criciúma, 05 de Julho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Maria Valkíria Zanette - Mestre - (Unesc) - Orientadora

Prof<sup>a</sup> Mirozete Iolanda Volpato Hanoff - Especialista - (Unesc)

Prof<sup>o</sup>. Everson Ney Hüttner Castro – Especialista - (Unesc)

**Dedico este trabalho a minha família e às verdadeiras amigas de faculdade, que nos momentos felizes e difíceis estiveram ao meu lado.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, a Ele seja toda honra e toda gloria hoje e sempre, pois foi a sua destra que me susteve até aqui. A minha família que me apoiou em todos os momentos, mas eu não poderia deixar de mencionar os nomes das pessoas que deram vida a esse sonho de um dia me tornar graduada: minha avó Maria Venceslau Parreira e meu avô Doroci Parreira, obrigado por toda confiança e investimentos. As minhas grandes amigas Alessandra Araujo Martins Alves, Estela M. Simoni, Rúbia Cimolin, Bruna Gabriela Borges, vocês são parte desse sonho realizado. Por fim, agradeço a todos que me ajudaram direta e indiretamente. Obrigada!

“O grande nó da avaliação escolar está, pois, nesta lógica classificatória e excludente. É claro que existem outros problemas na avaliação, seja em termos de conteúdo, forma, relações. Só que muito pouco adianta mexer nestes outros aspectos se sua intencionalidade não for alterada, já que também não está levando á efetiva apropriação do conhecimento. Precisaria ficar muito patente que o nosso problema não é (não deve ser) aprovar ou reprovar, mas favorecer a aprendizagem e desenvolvimento humano de todos”

Celso Vasconcelos

## RESUMO

O presente trabalho possui como tema “A avaliação da aprendizagem no 1º ano do ensino fundamental”. Justifica-se por haver em mim uma necessidade de melhor compreender como se dá o processo na prática avaliativa e a possibilidade de reconstrução desta prática, considerando professor e aluno como sujeitos do mesmo processo. Procura analisar e apresentar resultados de uma pesquisa de campo que tem o objetivo de refletir sobre a Prática Avaliativa e a sua relação com o processo ensino aprendizagem, na visão de professores que lecionam o 1º ano do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa que apresenta como população alvo professoras de escolas privada e pública de Criciúma, as quais preencheram um questionário e participaram de uma entrevista, fornecendo os dados necessários. Esses dados foram analisados sob a luz do referencial teórico. Só assim, pode-se perceber a existência de um avanço em relação a características do processo avaliativo mediador da aprendizagem. Durante essa pesquisa percebeu-se que as professoras utilizam vários procedimentos avaliativos, sendo que algumas enfatizam usar mais as provas para ver como anda o conhecimento dos alunos, mas ainda não fica clara a concepção no sentido de saber se as atividades que desenvolvem com seus alunos são desafiadoras ou se subestimam a capacidade intelectual das crianças. O erro construtivo precisa ser melhor compreendido, porém as pesquisadas entendem que os resultados negativos devem ser retomados para que o aluno possa ter mais uma chance para alcançar a aprendizagem. Através deste estudo percebemos que os professores precisam se aprofundar mais em relação ao processo avaliativo, pois é muito importante para o aluno e muitas vezes não é utilizado como deveria ser, por falta de conhecimento.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Avaliação. Erro Construtivista. Procedimentos avaliativos.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>3 AVALIAÇÃO MEDIADORA: SUPERAÇÃO DA LÓGICA MERAMENTE CLASSIFICATÓRIA.....</b>	<b>14</b>
<b>3.1 Avaliação Classificatória .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Avaliação Mediadora.....</b>	<b>18</b>
<b>3.3 Considerações Sobre Erro Construtivo no Processo de aprendizagem.....</b>	<b>21</b>
<b>4 PRINCIPAIS TÉCNICAS OU PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS.....</b>	<b>24</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>29</b>
<b>6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>7 CONCLUSÃO .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICE: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA FEITA COM AS PROFESSORAS. .....</b>	<b>42</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem foi um tópico bastante estudado e discutido no meio educacional, mas ainda assim, observa-se se um problema bastante complexo no processo de ensino aprendizagem. Diante desta questão vivenciada por mim, nos meus primeiros anos escolares e observadas na prática docente, ficou uma dúvida: os alunos são apenas nota? Ou os professores consideram e conhecem todo o caminho percorrido pelo aluno na hora de adquirir o conhecimento necessário para a vida em sociedade?

De modo geral, o que se percebe nas escolas hoje, é que, se o aluno correspondeu às expectativas do seu professor em suas manifestações e atitudes, com inteligência, obviamente receberá como prêmio a aprovação, caso contrário, grandes dificuldades terá para se adequar ao sistema educacional e dificilmente obterá bons resultados diante do modo tradicional que o professor esteja utilizando.

Partindo do pressuposto que a escola deve assumir o compromisso com a vida e a educação do ser humano, esta pesquisa foi desenvolvida, tendo como tema: A avaliação da aprendizagem no 1º ano do ensino fundamental. A escolha do mesmo justifica-se pela necessidade de entendermos a sua importância e de criar condições de mudanças para que a avaliação seja vista de forma democrática e construtiva.

Desta forma, senti a necessidade de buscar um conhecimento mais aprofundado sobre esse tema, buscando dar respostas ao problema: De que forma o professor avalia se houve a aprendizagem dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental?

O trabalho teve como objetivo geral: Investigar a prática avaliativa dos professores, no 1º ano do Ensino Fundamental. Delinearam-se, para isso, os seguintes objetivos específicos; Analisar as técnicas ou procedimentos são utilizados para avaliar a aprendizagem das crianças no processo de ensino aprendizagem; Identificar qual a concepção das professoras do 1º ano sobre o processo avaliativo; caracterizar a concepção que as professoras possuem sobre o erro no processo da aprendizagem; perceber de que forma as professoras utilizam os resultados da avaliação de seus alunos e se compreendem a importância da avaliação para melhorar sua própria prática educativa.

A pesquisa foi organizada com base nas seguintes questões norteadoras:

Qual a concepção das professoras do 1º ano sobre o processo avaliativo? Que técnicas ou procedimentos são utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos? Qual a importância da avaliação no processo de aprendizagem, na visão das professoras?

O referencial teórico foi fundamentado nas ideias de autores tais como: Hoffmann (2006), Luckesi (2001), Esteban (2004), Rego (1995), Vasconcellos (1998,) Rabelo (1998) e outros. Foi organizado em três capítulos com os temas: Avaliação da aprendizagem: o que dizem os documentos oficiais; Avaliação mediadora: superação da lógica meramente classificatória; Considerações sobre o erro construtivo no processo de aprendizagem; Principais técnicas ou procedimentos avaliativos e Metodologia.

Em seguida os dados obtidos foram analisados com base no referencial teórico, dando subsídio para a conclusão dessa pesquisa, mesmo sabendo que o tema ainda tem muito a ser pesquisado devido sua complexidade e sua importância no processo educativo.

## 2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Na maioria das legislações vigentes, a educação é vista como um processo humano, individual e social que vai se aprimorando ao longo de nossa vida. Durante esse desenvolvimento precisamos entender que somos sujeitos com deveres e direitos inclusos em determinados espaços e grupo social no qual vivemos. À educação escolar cabe uma parcela significativa de responsabilidade nesse processo de desenvolvimento humano, com o objetivo de integrar o sujeito de forma consciente e ativa na realidade em que vive.

O artigo 32 da Lei Diretrizes e Bases (LDB) contém as Finalidades Constitucionais, voltadas para a educação escolar:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996, p.27).

Para garantir todas estas finalidades definidas na lei, dentre todas as ações pedagógicas desenvolvidas pela escola, é necessário reconhecer a avaliação como um processo importante e mediador do desenvolvimento do ser humano. Por isso, devemos conceber que todo ato de avaliar será um meio que dará ao aluno oportunidade de reflexão e ação, havendo, sempre que possível, uma disponibilidade por parte do professor para que o aluno possa se sentir estimulado a buscar respostas lógicas aos problemas e às questões que são levantadas em sala de aula.

Refletir sobre avaliação implica em estar buscando novas reflexões sobre o nosso agir, ainda que essas reflexões não sejam permanentes, devido à necessidade que se tem de entender a realidade do aluno inserido em determinado

contexto sócio-educacional. É também compromisso do professor acompanhar continuamente seus alunos, a fim de lhes possibilitar a interiorização do conhecimento que servirá para a construção de sua trajetória escolar, assegurada por um processo avaliativo, conforme estabelece a LDB (Art. 24. V, 1996):

a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

Sendo assim, a avaliação vem para ajudar o aluno a aprender significativamente, vencendo suas dificuldades com a ajuda do professor, de seus colegas e de toda comunidade escolar, por meio de um trabalho coletivo e individual ao mesmo tempo. Toda reflexão coletiva torna-se grande aliada tanto para escola como para cada segmento que a constitui. Trata-se de um processo integrado e dinâmico em que avaliação vem para garantir sua qualidade, assim como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs:

A avaliação não se restringe ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinados momentos da escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada. Portanto, a avaliação das aprendizagens só pode acontecer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar. A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. (BRASIL, 1997, p.55)

E quando o assunto é avaliação, se a escola tiver uma meta a seguir tal como o Projeto Político-Pedagógico, ficará mais fácil analisar ou avaliar se realmente está acontecendo um ensino de qualidade. Desse modo, é que a escola torna-se um lugar onde há construção de conhecimentos, formação de cidadania, buscando construir em conjunto sua própria identidade, bem como, a de seus estudantes.

Para a Proposta Curricular de Criciúma (2008, p.128)

[...] faz-se necessário que o professor entenda avaliação como uma consequência das aulas. A avaliação usada como forma de punir ou um meio em si não faz sentido dentro dessa perspectiva. O educador que planeja suas ações pedagógicas fará das avaliações um eixo para novos planejamentos e tomadas de decisões em sua prática.

A proposta curricular de Santa Catarina não fala diferente, pois a avaliação deve estar presente no dia a dia escolar. Comenta sobre uma prática bastante comum em que a avaliação é vista como forma de punição e cita exemplos mais ou menos assim: se os alunos não ficarem quietos serão surpreendidos com provas “relâmpagos”. Esse modo de avaliar não deveria existir, pois a avaliação é parte integrante do processo de aprendizagem e por isso, deve ser vista como uma aliada do professor. Através dela ele perceberá se precisa melhorar a forma de explicar ou se pode prosseguir com o conteúdo para seus alunos.

Nesse sentido, “[...] a avaliação subsidiando a intencionalidade do processo ensino-aprendizagem terá que oportunizar aos professores a retomada sistemática dos encaminhamentos metodológicos no sentido de que o aluno aprenda mais e significativamente.” (SANTA CATARINA, 2005, p.75)

Ainda segundo essa Proposta, para o desenvolvimento de qualquer habilidade é necessário que haja um mediador e, neste caso, contamos com todo auxílio do professor que estará presente no cotidiano do aluno, ensinando e, ao mesmo tempo, criando oportunidades para que o conhecimento possa ser internalizado pelos alunos no decorrer o ano letivo. O aluno, então, irá sentir a necessidade de avançar sempre em busca de novos conhecimentos e, o professor utilizará a avaliação como um incentivo para sua progressão e não como uma punição. Uma prática educativa que utiliza a avaliação nessa concepção também se autoavalia constantemente, refletindo sobre o papel avaliativo no processo ensino-aprendizagem.

A função fundamental que deve cumprir no processo didático é a de informar ou dar consciência aos professores sobre como andam as coisas em sua classe, os processos de aprendizagem de cada um de seus alunos que se desencadeiam no ensino. (SACRISTÁN (2000), apud SANTA CATARIANA, 2005, p.179)

Nessa perspectiva, a discussão sobre avaliação, no presente documento,

acontece de forma articulada a estas ideias, por ser a avaliação entendida como constituidora e subsidiadora do processo de ensino-aprendizagem. (SANTA CATARINA, 1998, p. 69)

Percebemos, então, que avaliar não é um ato simples, é complexo e necessário na trajetória do docente e importante para os alunos que recebem a chance de melhorar suas produções.

Durante a leitura dos PCNS, LDB e as propostas curriculares estadual e municipal, podemos perceber que a lei garante um ensino de qualidade, cabendo aos professores e às instituições de ensino trabalharem juntos de forma reflexiva, em prol do cumprimento das leis para que haja uma avaliação positiva da aprendizagem, no Brasil.

### **3 AVALIAÇÃO MEDIADORA: SUPERAÇÃO DA LÓGICA MERAMENTE CLASSIFICATÓRIA**

Utilizando apenas o senso comum podemos entender o quanto a avaliação é importante no dia a dia escolar, mas ao aprofundarmos nossa busca para compreendermos seus aspectos positivos e suas complexidades, enxergamos a necessidade de verificar o que dizem os estudiosos do assunto.

Sobre isso Luckesi (2009, p. 85) escreve que: “A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido”, ou seja, no caso do processo de ensino-aprendizagem, o professor precisa saber onde e como quer chegar a um nível mais elevado de conhecimento para seus alunos,

Luckesi (2009), ao falar em avaliação da aprendizagem, prefere defini-la como sendo um juízo de qualidade sobre dados relevantes para tomada de decisão; Já Bevenutti (2002) diz que avaliar é mediar o processo ensino/aprendizagem, é oferecer recuperação imediata, é promover cada ser humano, é vibrar junto a cada aluno em seus lentos ou rápidos progressos.

O professor em sala de aula deve agir como se fosse um construtor, que a cada dia precisa dar continuidade a sua obra, entendendo que o saber, precisa ser construído no cotidiano escolar em uma relação de diálogo entre ele e seus alunos, tendo como prioridade a melhoria da qualidade do aprendizado, para que a avaliação sirva de subsídio em relação ao acompanhamento de todas as situações vivenciadas em sala. Sendo assim, no momento de dar as notas, o erro será visto como construtivo e como um aliado na caminhada rumo ao saber. É necessário, pois, que

[...] a avaliação do aproveitamento escolar seja praticada como uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educados, tendo por seus aspectos essenciais e, como objetivo final, uma tomada de decisão que direcione o aprendizado e, conseqüentemente, o desenvolvimento do educando. (LUCKESI, 2009, p.95)

Nesse sentido, avaliar deve ser, portanto, uma maneira de o professor refletir sobre suas práticas e sobre o desempenho de seus alunos. Contudo, a avaliação que prioriza a classificação serve para gerar exclusão. Por isso, sentimos a necessidade de uma reflexão mais profunda sobre a avaliação caracterizada como

instrumento de exclusão e principalmente como mediação do aprendizado.

### **3.1 Avaliação Classificatória**

Como instrumento de pura classificação, a avaliação tem sua origem em uma educação fundamentada nos princípios do positivismo. Essa concepção não permite que o aluno contribua para as aulas, pois deve sempre estar atento para assimilar ao máximo o conhecimento, a fim de que nas avaliações tenha condições de prestar contas sobre o que aprendeu. Para Rego (1995) A escola tem um valor imenso e pouco pode ser questionada, seus conteúdos são aplicados e quem precisa se adequar às condições previstas para as aulas é o aluno. Os conteúdos já estão prontos e rigorosamente selecionados. Os alunos que mostrarem resultados satisfatórios são promovidos para a série seguinte e os que não alcançaram os objetivos previstos são reprovados.

Vygotsky (apud REGO, 1995) descreve que nessa visão o processo educativo, ou seja, escola e o ensino são supervalorizados, pois o aluno é apenas um receptáculo vazio, ou seja, alguém que nada sabe. Assim concebida, a educação escolar tem a função primordial de “preparação moral e intelectual do aluno, para assumir sua posição na sociedade. O compromisso da escola é com a transmissão da cultura e a modelagem comportamental das crianças”. (REGO, 1995, p. 89)

Acredita-se, pois que os alunos aprendem pelos sentidos, são produto do meio em que vivem e, todo conhecimento que adquirem durante a vida escolar e ante a sociedade vem de fora para dentro. Eles são vistos como papeis em branco, necessitando de alguém ou de um conjunto de fatores externos para poder modelar o seu comportamento e caráter. Não são estimulados a raciocinarem e as situações de aprendizagem são preparadas de forma que a eles cabe apenas assimilar o que o professor ensina e ponto final.

Não há questionamento nem indagações, para perceber se os alunos aprenderam os conteúdos, pois o professor recorre a provas periódicas e dependendo do resultado o educando receberá elogios e uma boa nota, ou uma nota baixa, muitas vezes, acompanhada por repreensões: “A verificação da aprendizagem se dá através de periódicas avaliações (vistas como instrumentos de controle e de checagem da necessidade de reformulação das técnicas



empregadas)". (VYGOTSHY apud REGO, 1995, p. 90)

Por meio do uso da nota o professor mostra que tem poder e faz desse poder uma pura verificação dos resultados obtidos pelo aluno, apenas julgando se houve aprendizagem ou não. Nesse sentido, concordamos com Hoffmann (2001, p. 27) quando escreve:

A avaliação [...] vem sendo considerada um ato penoso de julgamentos de resultados. Essa concepção, consciente ou inconsciente, transformou-se e sedimentou-se numa prática coletiva angustiante, embora exercida pela maioria. [...] Reduzem a avaliação a uma prática de registro de resultados acerca do desempenho do aluno em um determinado período.

O ato de avaliar nesse olhar tradicional está apenas voltado para os objetivos previstos, no sentido de verificar se foram alcançados e se houve, durante o ano letivo, uma assimilação dos conteúdos dados em sala de aula. É dado muito valor para o cognitivo do aluno, ou seja, sua aprendizagem, embora que mecanizada ou fragmentada, é o foco e seus resultados satisfatórios têm que aparecer através das notas, nas provas aplicadas.

Outra característica dessa avaliação tradicional é a de ser rígida complicada e difícil, que além de ter a função principal de classificar os alunos, tem seu modo próprio de ensinar e de aprender, dando ênfase a métodos individuais e repetitivos. Trata-se de uma visão teórica que não se responsabiliza em ajudar no crescimento individual e social do aluno, mas se transforma em estatística com estratégias que freiam o conhecimento. (REGO, 1995).

Para compreendermos como deve ser restrito o relacionamento entre professores e alunos, vejamos o que Vygotsky falava a respeito: "O professor, por ser o elemento central e único detentor do saber, é quem corrige, avalia principalmente seus "erros e dificuldades", detendo-se quase que exclusivamente no produto da aprendizagem, [...]". (REGO, 1995, p.90).

Os alunos se submetem aos conteúdos sem questionar e caso não aprendam recorrem a decoreba, mas tentam de todas as maneiras, atingirem notas satisfatórias que lhes possibilitem a aprovação. Nesse sentido, a função da avaliação é essencialmente classificatória, realizado por meio de um modo rigoroso de avaliar, ligado ao processo de controle e discriminação, criando um autocontrole negativo em crianças, adolescentes e em todos os que passam pelas instituições de ensino, especialmente os que apresentam algum tipo de dificuldade no processo de

aprendizagem. Os professores transformam a disciplina num verdadeiro ato de coação por meio da avaliação.

Nessa relação em que o professor manda e o aluno deve obedecer no dia a dia em sala de aula, alguns desses profissionais manifestam seu autoritarismo, como bem descreve Saul (1994, p. 49): “Utilizando-se desses mecanismos o professor e, através dele, a própria instituição escolar acabam definindo de forma discriminatória o destino acadêmico do estudante, contribuindo para agudizar a seletividade do ensino.”.

Com estas citações percebemos que, se nos dias de hoje não mudarmos nossas práticas, moldaremos nossos alunos, ou seja, todo esse processo de ensino limitado, que não educa alunos além dos conteúdos impostos, continuará presente em nossas práticas pedagógicas.

De modo geral, quando pensamos em avaliação tradicional logo nos vem à mente aulas onde não se argumenta, não se pensa e na aplicação de provas como reflexo dessa maneira de ensinar. Assim, anula-se o saber reflexivo e o pensar crítico, que são trocados por padrões de respostas corrigidas de acordo com um gabarito rígido e pré-determinado. E mais, o dever do aluno é dar respostas exatas, pois o que lhe é cobrado são as respostas certas conforme o sistema existente. Sobre essa questão, Vasconcelos (2003) esclarece que de modo geral quando se pergunta aos professores, onde está o problema que dificulta a aprendizagem dos alunos, eles respondem:

[...]1° nos alunos, são desinteressados, imaturos, carentes, preguiçosos, pobres, só pensam em nota e não se preocupam em aprender. 2° nas famílias, mães que trabalham fora, não acompanham os filhos. 3° como avaliar tal componente curricular, que peso dar às notas bimestrais. Como avaliar o aluno como um todo, ou ainda como ser justo na avaliação. (VASCONCELOS, 2003, p. 25)

Quando nos aprofundamos em estudar a visão tradicional de avaliação, percebemos que o problema de reprovação frequente de determinados alunos, nunca ou raramente estará na maneira de o professor ensinar, pois, a função da avaliação está centralizada apenas no desempenho do aluno, não se relacionando com sua prática docente. Com vista à superação dessa visão autoritária de avaliação devemos buscar sua função significativa como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

### 3.2 Avaliação Mediadora

Contra-pondo-se à visão positivista de educação, temos a concepção histórico-cultural que possibilita ao professor e seus alunos refletirem sobre diversos assuntos em sala de aula, pois o processo pelo qual o aluno passa durante o ano letivo para adquirir conhecimento é dinâmico, interativo e muito importante.

Isso não significa que a avaliação deixa de ter o seu rigor científico, pois se assim fosse, ela se tornaria um processo espontaneista, ou seja, a educação passaria a ser entendida como algo que pouco ou quase nada altera as características que já são naturais do próprio indivíduo. Nesta visão são enfatizados “os fatores maturacionais e hereditários como definidores da constituição do ser humano e do processo de conhecimento. Excluem conseqüentemente as interações socioculturais na formação das estruturas comportamentais e cognitivas da criança.” (REGO, 1995, p.86).

Buscando uma educação mediadora no sentido de interferir de modo significativo no desenvolvimento da criança, surge então a visão sociocultural que busca entender que esse processo é interativo em que professor e aluno percebem que são seres inacabados, mas com a possibilidade de se aprimorarem com a convivência diária e com a troca mútua de conhecimentos e habilidades diferenciadas.

O homem é um ser social e histórico e é a satisfação de suas necessidades que o leva a trabalhar e transformar a natureza, estabelecer relações com seus semelhantes, produzir conhecimentos, construir a sociedade e fazer a história. É entendido assim como um ser em permanente construção, que vai se constituindo no espaço social [...]. (VYGOTSKY apud REGO, 1995, p.96).

O professor que é adepto a essa visão busca compreender o que o aluno aprende e como ele aprende. Não basta ensinar, é preciso saber a forma que o aluno chegou ao conhecimento. Sendo assim, o professor saberá onde deve rever e aprofundar mais a sua prática ou apenas dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem.

Quanto aos conteúdos, poderão ser revistos segundo a necessidade dos estudantes. O professor planeja sua prática, porém pode revê-la caso seja preciso, pois nada é definitivo e sim flexível. Para Vygotsky são [...] “os desejos,

necessidades, emoções, motivação, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento [...]”. (REGO, 1995, p. 122).

Fundamentado nesses princípios, Vygotsky esclarece que o ser humano está sempre em evolução por meio das relações sociais que o capacitam a interagir no meio em que vive. “Apesar de fazer parte da natureza (é um ser natural, criado pela natureza e submetido as suas leis), o homem se diferencia dela na medida em que é capaz de transformá-la conscientemente segundo suas necessidades”. (REGO, 1995, p.96).

Quando professores e alunos utilizam a ferramenta interação na sala de aula, ambos estão proporcionando a si mesmos, a oportunidade de crescerem, pois o homem ao dialogar com o outro se constrói ou se completa. Sendo assim, criam uma ponte que pode ser entendida como um processo que se desenvolve e ao mesmo tempo se transforma, ou seja, desenvolvem seus pensamentos, práticas e formas de ver o mundo em que estão inseridos e para transformar o ambiente, mudam as atividades, práticas e constroem novos conhecimentos. Nesse sentido, os professores partem

[...] do pressuposto de que as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio, entendido como mundo físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural. Nesse processo, o indivíduo ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. É, portanto na relação dialética com o mundo que o sujeito se constrói e se liberta. (VYGOTSKY apud REGO, 1995, p. 94).

A arte de falar, discutir e refletir deve estar presente no cotidiano escolar, para que os alunos possam interagir e desta forma aprendam a separar as ideias, classificá-las, pois a intenção é de que os mesmos internalizem passo a passo a construção destes conhecimentos. Enfim, é importante que os professores estejam disponíveis ao debate, à reflexão, enriquecendo suas aulas e oportunizando a ampliação do conhecimento de seus alunos.

É importante termos consciência de que nessa visão o ato de avaliar é parte constituinte do processo ensino-aprendizagem e da escola como um todo. Segundo Vasconcellos (1998, p.197), “não iremos muito longe se ficarmos discutindo a avaliação de forma isolada em relação aos outros aspectos da prática educativa” e com certeza, essa prática não alcançará seus objetivos de qualificar-se sempre mais em prol do sucesso do aluno. É necessário que os professores,

direcionados para a mesma linguagem, adquiram para si uma linha de trabalho mediador de todo o processo, discutida e definida em trabalhos coletivos.

Na avaliação mediadora é importante que os critérios sejam bem definidos pelo professor e compreendidos pelos alunos a fim de que saibam em que e como estão sendo avaliados. Os resultados dessa avaliação, devem ter sentido e significado para dar continuidade ao ensino e à aprendizagem, sendo entendida como um processo contínuo e principalmente motivador que impulsiona os alunos a reverem suas produções e irem em busca de um desenvolvimento satisfatório. O professor torna-se um elemento mediador nessa busca, possibilitando ao educando diálogo significativo como um eixo norteador de fundamental importância no decorrer, de toda sua prática educativa .

No livro Educação e Mudança, Freire (1999, p.125) argumenta que:

O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto”.

Dialogar com os alunos passará ser visto como uma concepção interativa de educação. Para isso, será importante que o professor seja um profissional comprometido com a aprendizagem do aluno e durante a existente relação entre o aluno e o conhecimento, o dialogo deve estar sempre presente, especialmente na avaliação, para que ambos, professor e aluno, prossigam da melhor maneira, interagindo e ampliando os saberes ao longo do ano. E ao professor cabe

[...] desenvolver uma prática avaliativa de modo a privilegiar a expressão própria do pensamento dos alunos, a oportunizar-lhes vivências em ambientes interativos, a tornar disponíveis múltiplas e ricas fontes de informação sobre o objeto do saber. (HOFFMANN, apud SILVA 2003, p. 55)

É fato que o ato avaliativo constroi-se a cada dia, passo a passo, professor e alunos juntos, revendo suas práticas sem esquecer que ela deve ser vista como aliada permanente, tanto do aluno como do professor e não como uma forma de punição. Assim, poderão constatar se os objetivos propostos foram alcançados e, se os alunos sairão da escola com uma visão mais crítica sobre o que é a vida e o que devem fazer para melhorar suas ações ao interagir na sociedade.

Quando se concebe a avaliação como um fator mediador, os alunos são

concebidos em níveis diferenciados de desenvolvimento, mas a todos é oportunizada a possibilidade de construir os conhecimentos necessários, ou seja, de acordo com os resultados obtidos nas avaliações realizadas durante o processo de aprendizagem escolar, o professor oportunizará novas situações de aprendizagem aos que necessitarem. Contudo, a avaliação deverá mediar esse processo com rigor científico para garantir o desenvolvimento de todos os alunos, pois essa é sua função essencial.

Segundo Luckesi (2009), todo ato de avaliar tem, basicamente, três passos:

- a) Conhecer o nível de desempenho do aluno em forma de constatação da realidade;
- b) Comparar essa informação com aquilo que é considerado importante no processo educativo. (qualificação);
- c) Tomar as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados.

A tomada de decisão é a etapa que demonstrará ter o professor uma postura parâmetro classificatória ou mediadora; ou concebe os resultados da avaliação como produto pronto acabado e segue tranquilamente seu programa, ou faz uma reflexão coletiva sobre esses dados, mediando novas aprendizagens caso seus alunos sintam necessidade. Concebe, pois as falhas do estudante como sendo fator positivo no processo de desenvolvimento pessoal e coletivo

### **3.3 Considerações Sobre Erro Construtivo no Processo de aprendizagem**

Na avaliação medidora, o erro deve ser considerado importante, pois ao responder uma questão ainda que incorreta, se bem analisada, o professor poderá constatar que teve, por parte do aluno, algum tipo de conhecimento adquirido. O fato de a resposta não estar conforme o esperado pelo professor não deve ser considerada totalmente incorreta, sem buscar conhecer o motivo do erro. Nesse momento, o aluno expressou parte do que aprendeu e isso deve ser considerado e reavaliado e a ele proporcionadas novas formas de avançar em relação ao conceito ainda não internalizado, por exemplo:

O pensamento do menino traçou caminhos um tanto curioso para chegar à resposta. Conversando com ele a mãe descobriu seus “entendimentos” e “desentendimentos” a respeito de um assunto um tanto complicado para sua idade. {HOFFMANN, 2006, p. 53}

De fato ele chegou a uma resposta e seria interessante o professor procurar saber a forma que o aluno entendeu e como chegou a tal resposta solicitada, assim compreenderá um pouco mais como as informações trabalhadas em sala de aula têm sido compreendidas pelos alunos. Será que estão tendo algum significado para eles? Ou o professor está falando por falar sem se preocupar com o que está acontecendo em relação à aprendizagem dos estudantes?

Hofmann (2006) também esclarece ser importante saber que o erro pode ajudar o professor a rever as suas práticas. No caso de seus alunos estarem errando muito, pode ser sinal de que seu modo de explicar, de propor as atividades ou os conceitos trabalhados, está complexo demais para o nível de aprendizado da turma. Tudo isso são fatores que poderão estar interferindo no processo. Por outro lado, podem existir alunos que realmente apresentam dificuldades de aprendizagem, as quais devem ser atendidas e mediadas pelo professor.

É importante que se respeite o saber elaborado pelo aluno, espontâneo, partindo de ações desencadeadoras de reflexão sobre tal saber, desafiando-o a evoluir, encontrar novas e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas pelo professor. (HOFFMANN, 2006, p. 57)

O professor deve ter uma postura compreensiva diante dos erros, para que os alunos venham até ele, com liberdade, para mostrar suas tarefas realizadas sem tanta preocupação ou medo de estarem errados ou não. Eles devem ter confiança de sempre que necessário aproximarem-se do professor, pedindo-lhe ajuda para conseguir chegar a uma resposta correta. Essa situação indicará que o professor está no caminho certo, não limita o modo de pensar dos alunos, ao contrário, cria uma ponte de relações produtivas, entre os elementos do grupo, na busca por melhorar o conhecimento a ser construído em aula.

Errar faz parte do desenvolvimento humano e para o nosso crescimento errar é fundamental, diz Hoffmann (2006). É necessário que deixemos de lado o olhar tradicional de ver o erro como forma de castigo e condenação, pois são duas palavras tão fortes, porém realistas, que existiram no passado e se alguns professores não reeducarem seu modo de ver o erro, continuarão influenciados por essa visão classificatória e excludente. A maioria de nós foi educada desta forma, onde errar era sinal que não se aprendeu nada, ou não ficou atento à explicação dada pelo professor.

Que possamos então enxergar o erro com uma visão mediadora e que o mesmo seja construtivo, servindo para o aluno rever suas produções até atingir o nível esperado. Segundo Hoffman (2006, p. 89), a concepção do erro construtivo “Consiste na ação educativa decorrente da análise dos seus entendimentos, de modo a favorecer a essa criança o alcance de um saber competente, a aproximação com verdade científica”.

Esteban (2002, p. 139) fortalece essa ideia dizendo: “Se o professor tivesse maior possibilidade de aproximar-se da lógica do aluno e de compreendê-la é possível que transformasse sua análise sobre o erro.” Assim, o errar no processo de aprendizagem não deixa de ser uma experimentação do aluno em relação às situações propostas a ele e, é errando que irá criar estratégias e levantar hipóteses quando desafiado a sentir necessidade de melhorar suas produções. Dessa forma, cada aluno ampliará seu conhecimento ao longo do ano, e isso será satisfatório tanto para o professor que verá sua missão cumprida, quanto para os alunos que irão para série seguinte.

Na prática educativa, a visão do erro de forma negativa, parecendo que o aluno não aprendeu nada, deve ser superada afim de que possa, não apenas,

[...] classificar as respostas em certas ou erradas, mas torná-las como indícios dos caminhos percorridos pela criança e dos novos percursos que aparecem como necessidade e possibilidade no processo de construção do conhecimento. (ESTEBAN, 2002, p.142)

Suas aulas terão mais significado e os alunos irão para sociedade como pessoas que saberão interagir com um espírito de solidariedade e de respeito humano mais desenvolvido, pois além de terem aprendido de forma significativa os conceitos desenvolvidos na escola, entenderam também, que errar é humano e aprender com os erros é mais humano ainda.



## 4 PRINCIPAIS TÉCNICAS OU PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS

Muitas são as formas de avaliar a aprendizagem do aluno, é claro que vai depender do que pretendemos verificar. Na maioria das vezes, as escolas, utilizam provas e/ou trabalhos em grupo e, dependendo do professor, fazem autoavaliação para que os alunos tenham a oportunidade de expressar como se vêm desempenhando suas tarefas e deveres. É importante que as práticas avaliativas se preocupem com:

[...] o êxito de qualquer ensino não pela capacidade de reprodução que o aluno tem do que lhe foi apresentado como informação ou caso exemplar, mas pela sua capacidade de construir soluções próprias a novos problemas, ainda que para isso ele recorra àquilo que lhe foi colocado como caso exemplar[...].(DEMO,1996 p.186).

Um dos modos importantes de se acompanhar o desempenho dos alunos é o registro. O ato de registrar apareceu nas práticas docentes aproximadamente a partir de 1980, e Madalena Freire é uma das adeptas dessa prática e nos deixa isso bastante claro quando publicou um livro chamado, *A paixão de conhecer o mundo*, nele constam histórias vividas e momentos partilhados com as crianças da Escola da Vila em São Paulo onde a mesma trabalhou como professora na época.

Quando o professor decide registrar as experiências vivenciadas no cotidiano ele pode analisar e aprimorar também sua prática, pois registrar não é apenas escrever situações sem sentido e, sim, apresentar o crescimento individual do aluno e do grupo em que está inserido, identificando e registrando as dinâmicas pedagógicas a fim de adequá-las quando for preciso.

Os registros em avaliação soam dados de uma história vivida por educadores com os educandos. Ao acompanhar vários alunos, em diferentes momentos de aprendizagem, é preciso registrar o que se observa de significativo como um recurso de memória diante da diversidade e um “exercício de prestar atenção ao processo”. (HOFFMANN, 2001, p. 117).

Apesar da importância e significado que os registros trazem para a Prática pedagógica, a utilização de diversos instrumentos avaliativos é muito importante na prática diária de um professor. Obviamente os instrumentos utilizados sozinhos não são considerados mediadores nem classificatórios dependerão principalmente da forma em que o professor fizer uso dos resultados que obteve.

Luckesi (2009) afirma que os instrumentos de avaliação de aprendizagem, devem ser usados adequadamente para cada tipo de conduta ou habilidade que queremos avaliar. O educador deve estar capacitado para saber qual instrumento usar, pois quando se faz uma coleta de dados com instrumentos inadequados, pode-se distorcer todos os resultados prejudicando o educando.

Por serem tantos os instrumentos avaliativos destacamos aqui os mais conhecidos, tais como: Prova oral e escrita, relatório ou registro, observação, portfólio, autoavaliação e conselho de classe. É necessário que haja um sistema a se seguir unindo teoria e prática para aprimorar a produção que se está avaliando, sem desmerecer as idéias que foram colocadas pelo aluno. De fato no dia a dia escolar, alguns meios são utilizados pelo professor para avaliar os alunos, sabendo que não podem ser escolhidos de qualquer maneira, é preciso ter critérios bem definidos, como, o que, e para que, queremos avaliar afim de que esses meios possam suprir as necessidades do educando.

[...] pressupõe o compromisso com a aprendizagem do (da) aluno (a), por isso não pode se resumir a dar aulas, a expor conteúdos. [...] o (a) professor (a) deve criar situações que levem o (a) aluno (a) a pensar, questionar, posicionar-se, analisar, sintetizar, elaborar, construir, criar, produzir, pesquisar, buscar soluções, estabelecer relações, desenvolver hábitos, atitudes, valores, sentimentos. Sem dúvida, essas aprendizagens demandam preparo e compromisso por parte do (a) professor (a). (PASSOS, 2004, p. 87).

Tão importante quanto sabermos avaliar é termos consciência de que toda avaliação deve estar diretamente relacionada ao que foi desenvolvido nas aulas. Importante também é termos uma visão de que os procedimentos avaliativos também proporcionam ao professor a oportunidade de verificar suas práticas, dando-lhes resultados fundamentais sobre como anda o processo de ensino-aprendizagem e o aluno tem a chance de se perceber como aluno, pois vê como está seu desempenho nos trabalhos propostos e orientados pelo professor.

Nesse processo de acompanhamento de seus alunos, além dos registros, relatórios, o professor poderá utilizar outras formas de diagnosticar ou de levantar dados que demonstrem os avanços ou dificuldades existentes no processo de aprendizagem de seus alunos. Por exemplo:

a)Portfólio:

Através do portfólio o professor pode perceber o progresso do aluno, pois ali estão contidos contínuos procedimentos utilizados em sala de aula. É um jeito inovador de avaliar e estimular a criatividade, pensamento, reflexão e organização das próprias produções. O portfólio não deve ser visto apenas como um arquivo onde os alunos depositam trabalhos, apostilas, provas e exercícios, ou seja, um acúmulo de folhas sem sentido, mas um aliado na observação do ritmo de cada aluno, um bom motivo para que haja diálogo entre professor e aluno. “O portfólio é um procedimento de avaliação que permite aos alunos participar da formulação dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar seu progresso. Eles são, portanto, participantes ativos da avaliação.” (VILLAS BOAS, 2004, p.38)

#### b) Prova

A prova é o instrumento de avaliação mais usado em salas de aulas. Qualquer aluno, esteja ele nos anos iniciais ou no ensino superior, certamente passará por exames, provas, avaliações, e aí fica a critério do professor a elaboração desse instrumento para verificar o que o aluno aprendeu e onde ele precisa se aperfeiçoar. Mas até esse método tão usado tem limitações e vantagens, pois quando o aluno faz uma prova de modo geral ele utiliza-se mais da memória que do pensamento, dependendo do modo que foram elaboradas as questões. Muitas vezes as questões da prova são apresentadas ao aluno de forma que ele poderá resolvê-las sem precisar refletir nem organizar idéias. (VILLAS BOAS, 2004) e (HOFFMANN, 2006)

No entanto, quando é uma questão bem elaborada, torna-se o inverso: o aluno precisa ler e reler com atenção, lembrar dos estudos realizados sobre o assunto e, só assim conseguirá organizar suas idéias com coerência e significado para resolver as questões apresentadas.

Apesar de haver vantagens e limites, esse instrumento de avaliação não deve ser considerado, por si só, bom ou ruim, mas deve ser útil para o professor enxergar o progresso ou falta de conhecimento em seus alunos, pois...

A avaliação acontece de várias formas na escola. É muito conhecida a avaliação feita por meio de provas, exercícios e atividades quase sempre escritas, como produção de textos, relatórios, pesquisas [...] Quando a avaliação é realizada desta forma, todos ficam sabendo que ela está acontecendo: alunos, professores pais. (VILLAS BOAS, 2004, p. 22)

### c) Observação

Os professores podem e devem utilizar a observação, na avaliação de seus alunos, pois possibilita um conhecimento mais esclarecedor e direto dos problemas didáticos encontrados em sala de aula. Através da observação percebem-se cada vez mais as interações e produções que são construídas entre estudantes e professor, assim como os conteúdos que estão sendo internalizados e os que devem ainda ser trabalhados. Observar tudo que os alunos produzem é importante, mas não deve ser visto como instrumento de avaliação, e, sim, um meio do qual o professor deve cada vez mais explorar para estar cada dia mais a par do rendimento de sua turma e de cada um de seus alunos. Dessa maneira sua mediação em relação ao aprendizado deles acontecerá de forma mais adequada e produtiva. (HOFFMANN, 2001).

Para ter significado a observação deve estar acompanhada de anotações, registros, pois segundo Hoffmann (2001, p.178): “Não é possível observar os alunos em todos os momentos, nem a memória do professor é suficiente para guardar detalhes importantes de cada um.”

### d) Trabalho em grupo:

O trabalho em grupo na sala de aula deve ser visto como uma troca de conhecimentos, opiniões e hipóteses para serem levantadas e discutidas. Este é um modo de avaliar os alunos e permitir que os mesmos trabalhem de forma cooperativa. Mas para isso o professor terá que ter a habilidade de avaliar as produções isoladamente, tentando ver o que, e como cada aluno produziu, para que a nota seja justa e compatível. Tal como coloca o autor

[...] dá habilidade de um professor para propor a cada grupo um conjunto de atividades que possam ser feitas pelos diferentes integrantes do grupo em diferentes níveis de complexidade e que, além disso, unidas, dêem como resultado um trabalho que é reflexo de um esforço compartilhado. (SALINAS, 2007, p.111)

O trabalho em grupo deve ser visto e desenvolvido como uma forma prazerosa e produtiva de trocar informações entre aluno e professor e entre aluno/aluno para somar conhecimento entre os mesmos. Sobre esse tema escreve Vasconcellos (2003, p.191): “O trabalho coletivo exige um aprendizado por parte de todos...” Ou seja, cada um sabe um pouquinho e se cada um manifestar o que sabe

contribuindo para a construção de um bom trabalho em grupo todos sairão ganhando e alcançarão os objetivos propostos. Contudo na avaliação é necessário que seja observado o aprendizado de cada participante do grupo. Para isso o professor deve acompanhar de perto o andamento dos trabalhos realizados pelos seus alunos.

## 5 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma perspectiva qualitativa, sem negar a quantitativa:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...] O conhecimento não se restringe a um rol de dados isolados, ligados apenas por uma teoria explicativa; O sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, apud ACAFE, 2007, p. 10)

Utilizou-se de princípios norteadores como o enfoque dialético, pois acredita que o conhecimento não se reduz apenas a dados isolados. O sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado. (TOMAZI, 1999)

Para realizarmos uma pesquisa em que desejamos que os resultados sejam reais e nos leve a uma conclusão lógica devemos traçar um perfil a seguir, e, de acordo com os objetivos propostos, esse trabalho foi uma pesquisa exploratória e descritiva. Isso por que:

Um trabalho é de natureza exploratória quando envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 1991 p. 46)

A linha de pesquisa norteadora desse estudo está voltada para teoria e prática pedagógica, mais especificamente, abordando o eixo temático processos avaliativos.

Inicialmente foi bibliográfica e procurou explicar um problema a partir das referências teóricas publicadas em documentos, em seguida fui a campo tendo em mãos uma pesquisa descritiva por meio de questionário para ser respondido por quatro professoras do Ensino Fundamental, duas da Rede Pública e duas da Rede Privada do Município de Criciúma. Serão, pois, apresentadas neste trabalho as

concepções de aprendizagem, para que se possam entender as formas das quais o ser humano se apropria dos conhecimentos, seguidas de uma reflexão sobre a função de avaliar e como usar de forma adequada os resultados desta avaliação.

Para que não ocorressem problemas éticos na pesquisa optei por não citar nomes, nem das escolas, nem das professoras. Por tratar-se de uma pesquisa cujos as participantes foram todas do sexo feminino, serão chamadas de professoras AM, AP, BM, BP. (letra M, de Municipal e P de privada). Também foi feito um levantamento bibliográfico a fim de relacionar o que dizem diversos autores com os dados coletados. Posteriormente foram analisadas as informações, a partir do referencial teórico.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem por finalidade analisar e discutir os dados, a fim de compreendê-los melhor, comparando o referencial teórico com recortes de uma realidade que já existe. Desse modo poderemos analisar e discutir com mais clareza sobre a existência ou não de uma ação mediadora nas relações que acontecem entre professores, alunos, avaliação e notas, no cotidiano escolar. A intenção que deve existir nos profissionais da educação é a de criar novas formas de pensar e agir sobre avaliação e a sua grande importância no processo ensino-aprendizagem.

Com base em tudo que já foi lido sobre o tema e, tendo como fundamento os autores que deram suporte ao referencial teórico, foi aplicado um questionário com oito questões objetivas e dissertativas, á quatro (4) professoras que atuam no 1º ano do ensino fundamental; duas (2) da rede Municipal que serão identificadas com as letras AM e BM e duas (2) da rede privada, com as letras AP e BP. As professoras que participaram da pesquisa possuem formação superior em Pedagogia e são Pós-graduadas. Todas trabalham na educação há bastante tempo.

**Quadro 1:** Identificação das professoras pesquisadas

PROFESSORA	ENS. MÉDIO	ENSINO SUPERIOR	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO DE MAGISTÉRIO	
				GERAL	1º ANO.
AM	Magistério	Pedagogia	Psicopedagogia	15 anos	8 anos
AP	Magistério	Pedagogia	Fund. Psicopedagógicos	25 anos e 2 meses.	4 anos
BM	Magistério	Pedagogia	História	16 anos	1 ano e meio
BP	Magistério	Pedagogia	Met. Das Disciplinas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.	20 anos	12 anos

**Fonte:** pesquisa 2011

Sobre o conceito de avaliação, AM escreveu muito mais sobre o desenvolvimento da criança como um processo que progride no cotidiano escolar, tal como mostra sua fala: “a avaliação da aprendizagem é um processo do conhecimento, pois a criança está progredindo gradativamente, a cada instante do cotidiano escolar, está aprendendo e construindo sua aprendizagem”.



Para Vasconcellos (2003) avaliação seguida de mediação garantirá qualidade nas produções do aluno, ou seja, a professora orienta e ensina o caminho que levará os educados a uma construção de conhecimento, o fato de um aluno freqüentar a escola não garante que ele aprenderá gradativamente, e sim um trabalho mútuo, dedicado e com acompanhamento que trará bons resultados.

A professora BP escreve: “é a forma que utilizamos para acompanhar a evolução ou a falta da mesma nos momentos em que aplicamos os conteúdos.” O que ela quer dizer com o termo “aplicamos o conteúdo”?

Contudo, foram às professoras AP e BM que mais se aproximavam da concepção da avaliação da aprendizagem significativa como podemos observar: “Avaliação é um meio e não um fim serve como meio para diagnosticar o processo ensino aprendizagem”. (AP) e “A avaliação permite um diagnostico sobre o processo ensino aprendizagem, onde permite corrigir os erros e aperfeiçoar os acertos”. (BM)

Com relação á concepção de erro, ou seja, com essas professoras interpretam o erro no processo de aprendizagem. A professora BP diz que o erro faz parte de todo o processo de ensino e acrescenta que, “ele é bem significativo, pois permite mais estudos e dedicação”, enquanto que as demais dizem que o erro é inevitável, normal, pois todos erram antes de aprender, mas em nenhum momento deixam a entender o verdadeiro significado do erro construtivo. Por exemplo, a professora AM relata que,

O erro em minha opinião é normal, porem, o professor precisa mostrar o que é certo, questionar a criança sobre o que ela acha sobre o seu erro, fazê-la pensar, estimular a sua capacidade. O erro faz parte da aprendizagem, principalmente na língua portuguesa, onde muitas palavras escritas de formas diferentes possuem o mesmo som. Gradativamente, em continuação nas series posteriores, poderá superar estes erros.

Na verdade, precisamos dia após dia rever os nossos conceitos e trazer inovações e mudanças, primeiro, para o pensamento docente, depois para a prática em sala de aula e deixar de lado a visão de erro como algo extremamente ruim e passar a vê-lo como um possível aliado na troca de diálogo e experiência entre aluno e professor. Só assim, saberemos diferenciar o erro construtivo, absolutamente necessário durante a aprendizagem, e o erro que resulta em castigos, aquele que frustra e diminui a produção dos alunos.

Muitos dos alunos ainda vêem o erro como forma de impossibilidade, em

um tempo em que o erro deveria ser aproveitado para que professores e alunos revejam suas ações, podendo melhorá-las valorizando todo o caminho percorrido em busca do saber que naturalmente terá erros e acertos. (ESTEBAN, 2002)

Infelizmente, ainda em muitos casos, como escreve Esteban (2002) “O erro não é visto como construtivo, mas uma maneira de classificar o aluno em aprovado ou reprovado.”

Todas as professoras consideram avaliação importante no processo de aprendizagem, conforme escreve a professora BM: “Muita importância, pois a avaliação nos revela se o processo ensino aprendizagem está sendo bem efetivado”, apesar de que nenhuma inclui a avaliação como um meio para melhorar a prática docente.

As professoras não deixam claro em suas respostas que incluem a avaliação como aliada na prática pedagógica. De acordo com Luckesi (2009), se as professoras passarem a ver a avaliação como uma forma de acolher e não de julgar, estarão tendo uma forte aliada na hora de dar mais suporte aos alunos com mais dificuldades, incluir ao invés de excluir, e dar total possibilidade para o educando encontrar o caminho, rumo a novos saberes necessários para uma boa assimilação do conteúdo proposto em aula.

Ao falarem sobre os procedimentos para avaliação todas se utilizam de atividades desenvolvidas em aula. Cada uma, a seu modo, visa compreender o que os alunos têm aprendido e para chegar a essa compreensão vejamos que meios elas utilizam.

Esquecendo a obrigação da nota, é importante avaliar o educando através das conquistas alcançadas. No decorrer das atividades com jogos de aprendizagem incluindo a escrita, leitura e lógica matemática, é interessante perceber a descoberta e felicidade dos alunos, quando conseguem ler uma palavra, resolver uma continha, pois uma atividade mais prazerosa requer prazer na aprendizagem. (professora AM)

Observou-se nessas respostas, que as professoras já conseguem ver a avaliação como diagnóstico, pois quando percebem o progresso do aluno, dizem dar continuidade ao conteúdo, caso contrário, dão a entender que retomam as atividades até que haja a compreensão dos conteúdos por toda a turma.

As demais professoras assim se posicionaram:

- “A avaliação descritiva, baseada em um olhar profundo sobre todo o contexto”. (professora BM)

- “Utilizo desenhos, atividades escritas, atividades orais, atividades audiovisuais, trabalhos artísticos.” (professora AP)

-“Procuro diversificar, mas acabo usando as que todos conhecem, provas escrita e oral, desenhos, trabalhos em grupo e por ai vai...” (professora BP.)

Luckesi (2009) bem coloca que é preciso ter cuidado, pois o uso de vários instrumentos por si só, não significa que o professor está dentro de uma visão mediadora de avaliação. É necessário saber quais são os mais adequados ao que queremos avaliar e como utilizá-los da melhor forma possível...

Assim responderam quando indagadas sobre suas atitudes diante dos resultados dos alunos nas avaliações realizadas: “Os utilizo para saber o que tem que ser trabalhado e mudar a forma de trabalho”. (professora AP). já a professora BM que os resultados obtidos pelos alunos são “Como uma forma de observar onde precisa aprimorar o processo de ensino.” (professora)

Contudo, a professora AM não deixou clara a sua resposta, quando escreveu:

Como um processo de aprendizagem, pois se esta mesma avaliação for realizada uma semana depois ou quinze dias, o educando que esta aprendendo vai aperfeiçoando sua capacidade de conhecimento. Não coloco notas nessas avaliações, apenas conceitos no qual representa a nota, para que os alunos não fiquem constrangidos se por ventura estiverem em níveis diferenciados de aprendizagem. (professora AM)

A maneira mais eficaz do professor executar uma avaliação mediadora é estar aberto para as constantes mudanças que ocorrem diariamente e procurar aperfeiçoar-se, revendo também as suas práticas e não permanecer parado no tempo, imune às transformações. (Silva 2004)

Em relação aos alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, todas as professoras mostraram que há preocupação da parte delas e por parte da escola e procuram formas de ajudar os alunos a aprenderem a fim de obterem resultados melhores. Tal como diz a professora AP:

“Analisando o que precisa ser trabalhado e o convocamos para o atendimento pedagógico. Caso não seja possível, trabalharemos em sala de aula.” E como também coloca a professora BM: “Conversar com os pais, acompanhamento mais individualizado, e em algumas ocasiões retomada de assuntos não assimilados.”.

Para que os alunos tenham a oportunidade de obter novas condições de

aprendizagem de acordo com Hoffmann (2001) é necessário um envolvimento dos educandos no processo de construção do conhecimento, além de servir de subsídio para melhoria da prática docente e da escola em geral.

As professoras também disseram que procuram diversificar os procedimentos avaliativos, mas há uma predominância nas atividades escritas e orais desenvolvidas durante as próprias aulas. As professoras AM e BP também dizem utilizar-se de trabalhos em grupo e valorizam a prova escrita e oral como os melhores instrumentos para perceberem se houve ou não progresso em seus alunos.

A professora AM enfatizou que:

Depois de determinado tempo explorando determinados assuntos, também faço avaliação escrita, sem mencionar a palavra prova. É feita em sala de aula. Desta forma também consigo perceber como está a aprendizagem e as dificuldades, sem esquecer-se da leitura.

A professora BP assim escreveu:

Procuro diversificar, mas acabo usando as que todos conhecem, provas escrita e oral, desenhos, trabalhos em grupo e por ai vai... Nos exercícios em sala de aula e provas, pois de certo modo eles produzem sozinhos sem muitas interferências minha, ai vejo como estão se saindo.

Nenhuma delas falou em registro, nem portfólio. Já Hoffmann (2001) fala da fundamental importância de se registrar em sala de aula, pois nos registros estará escrito a história vivida por cada educando durante sua vida escolar. Para Villas Boas (2004) portfólio é uma pasta onde se guarda os papeis, ou seja, a produção dos alunos para que o professor possa estar acompanhando e avaliando.

Diante disso, podemos levantar um questionamento sobre a forma de como são observadas e avaliadas as atividades desenvolvidas em aula tão enfatizadas por essas professoras, como podemos perceber no depoimento da professora AP: "Utilizo desenhos, atividades escritas, atividades orais, atividades audiovisuais, trabalhos artísticos".

Nas respostas das professoras ficou evidente que atividades ou trabalhos escritos são os instrumentos mais utilizados para avaliarem a aprendizagem de seus alunos. Nesse sentido, Hoffmann (2006, pg. 57) escreve sobre a importância de serem oportunizadas varias formas de os alunos se expressarem, afim de que o professor possa mediar sua aprendizagem durante o processo: "É importante que se

respeite o saber elaborado do aluno, partindo de ações desencadeadoras de reflexão sobre tal saber, desafiando-o a evoluir encontrar novas e diferentes soluções às tarefas sucessivamente apresentadas pelo professor.”.

Ainda refletindo sobre a fala da professora BM quando escreve sobre os instrumentos que servem para reconhecer o avanço de seus alunos: “Trabalhos realizados em grupo ou individualmente, oral, escrito, comportamento, etc,” no sentido de que nem sempre a quantidade de instrumentos avaliativos substitui a qualidade que se espera dos resultados conforme vimos no referencial teórico.

Diante desses procedimentos avaliativos, cabe refletir se eles não são utilizados com uma visão espontaneista de avaliação, conforme esclarece Rego (1995, p. 87), em que as atividades desenvolvidas “são pouco desafiadoras e que, na maioria das vezes, subestimam a capacidade intelectual das crianças.”

Com relação aos resultados da avaliação as professoras esclarecem que de forma individualizada procuram atender os alunos que apresentam dificuldades. A professora AM e AP relatam que a escola oferece um atendimento pedagógico no período extraclasse, por outro lado as professoras BM e BP procuram conversar e obter apoio dos pais, assim fala da professora BP:

Se os resultados forem positivos prossigo em ensiná-los os conteúdos, (presentes no planejamento é claro) se não, retomo o conteúdo até serem totalmente satisfatórios os resultados. Direciono mais minha atenção a ele e com ajuda dos pais tento adicionar esforço neste aluno, no fim do processo os alunos vistos como fracos atingem a meta.

Seria importante sabermos o que essa professora entende com as expressões “totalmente satisfatórias” e “adicionar esforço neste aluno”. Totalmente satisfatório corresponderia á nota dez (10), maneira mais comum de expressar o bom rendimento do aluno? Nesse sentido, valeria a pena aprofundar a pesquisa para melhor entendermos a intenção da professora que está por traz dessas expressões.

Essas falas demonstram que as professoras pesquisadas, de certa forma já superaram a concepção puramente classificatória da avaliação. Contudo, os depoimentos delas ainda não demonstram se elas possuem conhecimento mais profundo da avaliação medidora. Assim sendo, fica a certeza de que esse tema tão importante para o processo educativo necessita ser aprofundado e melhor compreendido a fim de que possa ser melhor vivenciado no dia a dia de nossa prática educativa.

## 7 CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento desta pesquisa tivemos a oportunidade de refletir mais sobre a importância de os professores saberem o tipo de avaliação, mediadora ou classificatória, que devem utilizar no processo ensino-aprendizagem. É necessário perceber algumas considerações fundamentais para a prática pedagógica, uma vez que o papel do professor, e principalmente da avaliação vai muito além do simples fato de dar notas. Foi importante também refletirmos sobre as diversas formas de avaliar, já que na maioria das vezes, os educadores em termos de avaliação, seguem o exemplo de seus antigos mestres, preferindo uma avaliação baseada somente nas provas.

Analisando os dados levantados na pesquisa foi constatado que avaliar é um ato complexo. Percebeu-se também que as mudanças em relação à avaliação já vêm acontecendo, proporcionando mais significado ao aluno na realização das atividades propostas, propondo condições necessárias para que ele possa estar ciente de seus avanços em relação à própria aprendizagem, tornando-se mais crítico para enfrentar a realidade que a sociedade lhe apresenta.

Por meio dessa pesquisa, observou-se que as professoras do primeiro ano do ensino fundamental estão preocupadas com a aprendizagem de seus alunos, têm consciência que, hoje, a avaliação já não é mais a mesma utilizadas pelos professores que as ensinaram, quando alunas; retomam os conteúdos quando os resultados dos seus alunos não foram satisfatórios; utilizam de vários procedimentos para avaliar a aprendizagem de seus alunos, porém ainda há aquelas que dizem ser a prova a melhor maneira de perceber os avanços no aprendizado deles.

Sendo assim, na visão dessas professoras, percebe-se uma superação da avaliação puramente classificatória, mas não fica ainda a certeza de que o entendimento e a prática que possuem seja a de uma avaliação mediadora.

É de suma importância à conscientização de todos: professores, educandos, pais, comunidade e sociedade em geral, a respeito da mudança em torno da concepção e tipo de avaliação que está sendo proposta aos nossos educandos. Mas que sociedade em geral e principalmente os pais possam entender que a avaliação não se resume somente em prova ou nota, é necessário primeiramente, que os educadores tenham bastante conhecimento desse tema, de forma que isso possa refletir na comunidade escolar.

Devemos, pois estar conscientes que da avaliação depende, em grande parte, o sucesso ou insucesso do desenvolvimento dos educandos, como seres humano e cidadãos. Diante de tantos e grandes desafios que representa a educação escolar, cada educador precisa ser comprometido na sua prática. A ênfase dada à avaliação nos últimos tempos tem mostrado a preocupação das instituições e dos educadores em geral em propor mudanças, contudo a complexidade de sua compreensão dificulta a realização dessas mudanças do dia a dia da prática docente.

## REFERÊNCIAS

- ACAFE. **Metodologia de pesquisa**. Unidade 3: métodos e técnicas de pesquisa. 2007.
- BENCINI, Roberta. Avaliação nota 10. **A Revista do Professor Nova Escola**. São Paulo: Abril, ano XVI, n. 147, p. 15-21, nov. 2001.
- BENVENUTTI, D. B. **Avaliação, sua história e seus paradigmas educativos**. Pedagogia: a Revista do Curso. São Miguel do Oeste SC, jan.2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa polêmicas do nosso tempo**. São Paulo: Cortez 1996.
- ESTEBAN, Maria Tereza. **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ESTEBAN, Maria Tereza. **O que sabe quem erra?** Reflexão sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro RJ, 2002.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Terra e paz, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**: Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa fundamentos de metodologia científica**. São. Paulo: Atlas, 1991.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma pratica em construção de pré-escola á universidade**. Porto Alegre: Educação x Realidade, 2006.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e Desafio - uma perspectiva construtivista**. 18 Ed. P. Alegre: Mediação, 1996.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**: Porto Alegre, Mediação, 2001.
- HOFFMANN, Jussara. Princípios universais da avaliação mediado. Im:**Práticas avaliativas e aprendizagem significativas**: em diferentes áreas do currículo, Porto Alegre: Mediação, 2003.
- BRASIL (LDB) - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.



LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 20 ed., São Paulo: Cortez, 2009.

PASSOS, Carmensita Matos Braga. Docência no ensino superior: exigências e carências. In: ALBUQUERQUE, L. B. (Org.). **Cultura, currículo e identidades**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

CRICIÚMA. PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE CRICIÚMA: **currículo para a diversidade**: sentidos e praticas. Criciúma, 2008.

RABELO, Edmar Henrique, **Avaliação**: novos tempos, novas praticas, Petropolis RJ: Vozes, 1998.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petropolis-RJ :Vozes, 1995.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O que ensinar? Como ensinar? Como avaliar? Im: SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta curricular de Santa Catarina**: Estudos temáticos. Florianópolis: IOESC, 2005.

SALINAS, Dino. **Prova amanhã!** A avaliação entre a teoria e a realidade. Trad. Magda Schwartzhaup Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta curricular de Santa Catarina**: Educação infantil, Ensino Fundamental e Medio: Temas Multidisciplinares, Florianopolis: COGEN, 1998.

SAUL, Ana Maria. Avaliação Emancipatória: Desafio á teoria e á prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: Cortez: autores associados, 1988

SILVA, Janssen Felipe da, **Avaliação na perspectiva formativa reguladora**: pressupostos teóricos e praticas, Porto Alegre: Mediação, 2004.

SOUZA, C. P. e outros. **Avaliação do rendimento escolar**. São Paulo: Papyrus, 1993.

TOMAZI, Neusi Garcia Segura. **Metodologia da pesquisa em saúde**: Fundamentos essenciais. Curitiba- PR: As Autoras, 1999.

TURRA, Raph N. **Princípios básicos dos currículos e ensino**. Porto Alegre: Globo, 1974.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da aprendizagem**: práticas de mudança por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2003.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Superação da lógica Classificatória e Excludente da Avaliação**. 4. ed. São Paulo: Libertad, 1998.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas, **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**: Campinas, SP: Papyrus, 2004.

WERNECK, Hamilton. **Prova, provão, camisa de força da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

**APÊNDICE: QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA FEITA COM AS PROFESSORAS.**

**PESQUISA PARA ELABORAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO****IDENTIFICAÇÃO:****Curso realizado no Ensino Médio: Magistério ( )****Educação Geral ( )****Formação técnica ( )****Outros ( )****Graduação: Curso \_\_\_\_\_****Pós-graduação: curso \_\_\_\_\_****Tempo de atuação no magistério de modo geral: \_\_\_\_\_****Tempo de atuação no 1º ano do Ensino Fundamental: \_\_\_\_\_**

1- Qual o conceito que você tem sobre a avaliação da aprendizagem?

---

---

---

2- Que importância você dá ao processo de avaliação na sua prática docente?

---

---

---

3- Em sua opinião a supervalorização das notas, por parte do professor, no ato de avaliar é consciente ou inconsciente? Por quê?

---

---

---

4- Quais os tipos de avaliação que você mais utiliza com os seus alunos?

---

---

---

5- Pra você qual tipo de avaliação lhe indica se houve progresso ou não em seus alunos.

---

---

---

6- De que forma você utiliza os resultados das avaliações feitas com seus alunos.

---

---

---

7- Que visão você tem do “erro” no processo de aprendizagem de seus alunos, ou que significado tem pra você o erro nesse processo?

---

---

---

8- O que você faz com o resultado das avaliações? Que atitude toma diante do aluno que não atingiu o esperado?

---

---

---